

As coletâneas de Machado de Assis à luz das fontes primárias

The collections of Machado de Assis in the light of primary sources

Valdiney Valente Lobato de Castro*
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

332

RESUMO: Machado de Assis escreveu mais de duas centenas de contos nas folhas dos jornais cariocas e recolheu algumas dessas narrativas para compor sete coletâneas, publicadas desde os anos iniciais em que começou a compor até próximo ao seu falecimento. Neste estudo, investigam-se por meio de fontes primárias, como cartas, contratos e prefácios das edições o processo de produção e organização das coletâneas, a fim de analisar o processo de consagração dos contos machadianos por meio das publicações desses volumes de contos. Nessa análise, percebe-se o quanto, ao longo dos anos, o autor ganha domínio sobre a prosa de ficção e consagra seus contos entre o meio beletrista oitocentista.

PALAVRAS CHAVES: Contos; Século XIX; Machado de Assis; Fontes Primárias;

ABSTRACT: Machado de Assis wrote more than two hundred short stories on the sheets of Rio de Janeiro newspapers and collected some of these narratives to compose seven collections, published since the early years when he started composing until close to his death. In this study, the production process and organization of collections is investigated through primary sources, such as letters, contracts and prefaces of the editions, in order to analyze the process of consecration of Machado's tales through the publication of these volumes of stories. In this analysis, it is clear how much, over the years, the author has gained dominance over the prose of fiction and enshrines his tales among the 19th century beletrist milieu.

KEYWORDS: Tales; XIX century; Machado de Assis; Primary Sources;

* Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), bolsista do Programa Pesquisa Produtividade da Estácio Amapá.

As duas coletâneas iniciais: *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*

Alguns estudiosos têm analisado os contos machadianos selecionados para as coletâneas com o intuito de desvendar o processo de construção desses volumes. A análise de contratos, de cartas e dos textos literários, ou seja, das fontes primárias, revela dados acerca do processo de produção e das histórias de edição e publicação dessas antologias, e, a partir desses indícios, passa-se a conhecer melhor sobre a organização das coletâneas.

Em 1869, Machado escreveu *Contos Fluminenses* contendo sete histórias: “Miss Dolar”, escrito especialmente para a coletânea, e os seguintes contos recolhidos do *Jornal das Famílias*: “Luís Soares”, de 1869; “A Mulher de Preto”, de 1868; “O Segredo de Augusta”, de 1868; “Confissões de uma Viúva Moça”, de 1865; “Linha Reta e Linha Curva”, de 1865 e 1866, e “Frei Simão”, de 1864. Massa (1971), assim como Bosi (1982), argumentam que, em todas as narrativas da coletânea, os malfeitores são castigados, por isso o francês afirma que há uma aproximação entre as histórias, pois todas são moralizantes, pedagógicas e contra a hipocrisia, o que marcaria esses primeiros escritos do autor. Silvia Maria Azevedo (1990) destaca outro ponto de unidade sobre as coletâneas: nas narrativas recolhidas nessa primeira antologia o padrão narrativo estaria mais próximo do romance, e somente na segunda antologia o autor começaria a se encaminhar para a forma conto, ainda sem uma tradição literária consistente no Brasil.

A antologia foi publicada por Baptiste Louis Garnier que, em 11 de maio de 1869, assinou contrato com o autor sob as seguintes condições:

Joaquim Machado de Assis vende à B. L. Garnier a propriedade plena e inteira não só da primeira edição como de todas as seguintes das suas duas obras: “Contos Fluminenses” e “Phalenas” a razão de duzentos réis por cada exemplar de ambas obras que o editor mandar imprimir, pagáveis pela primeira edição no acto de assignar o presente

contracto e para as segundas e seguintes no dia em que forem expostas á venda.

A primeira edição de ambas as obras acima mencionadas serão de mil exemplares cada uma e as seguintes como julgar convenientes o editor (CONTRATO, ABL, 11.05.1869).

Ao se considerar que esta é a primeira antologia publicada, o valor não é baixo, pois, em 1896, Machado recebe de Baptiste Louis Garnier a quantia de 250\$000 mil réis para publicar 1.100 exemplares de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, um dos livros mais importantes do autor, que lhe rendeu, por exemplar, com as devidas proporções, cerca de apenas trinta réis a mais que *Contos Fluminenses*. Os jornais da época divulgavam a coletânea comercializada a 3 mil réis, o que gerava um percentual de lucro de 6% ao escritor por cada exemplar. Apesar de parecer um valor baixo, esse percentual era alto se comparado com a política de negociação de Garnier com outros escritores, mas ao se relacionar com o contrato estabelecido pela venda de *Crisálidas*, cinco anos antes, percebe-se que o lucro do escritor, por exemplar, é o mesmo.¹

Anos depois, em 1899, a casa Garnier, comandada por Hippolyte², em Paris, lança uma segunda edição, sem conhecimento do autor, o que não lhe agradou. Em carta a Magalhães de Azeredo, datada de 28 de julho de 1899, assim expressa: “A casa Garnier reimprimiu ultimamente um dos meus livros mais antigos, os Contos Fluminenses; fê-lo sem que eu houvesse revisto o trabalho, e (creio que por equívoco) sem aviso prévio, e sem lhe pôr a nota de que era edição nova. Por tudo isso não lhe mando um exemplar” (ASSIS, 2011, p. 395). Nos arquivos da Academia Brasileira de Letras, há uma carta, sem data, de Machado de Assis a Julien Lansac, gerente de Hippolyte, no Brasil, em que o autor reclama:

¹ Lúcia Granja (2013) comparou os contratos dos livros *Crisálidas*, *Contos Fluminenses* e *Falenas* e percebeu que o lucro de Machado era o mesmo, por mais que o escritor estivesse mais prestigiado, àquela altura, uma vez que o contrato previa que em eventuais segundas edições o lucro seria o mesmo.

² Baptiste Louis Garnier morreu em primeiro de outubro de 1893. Após o seu falecimento, Machado começa a negociar com Hippolyte, irmão do livreiro, que morava na França. Por isso, as negociações diretas passaram a ser tratadas com Julien Lansac.

Quanto aos *Contos Fluminenses*, já lhe disse que deve ter havido algum equívoco, porque não me lembro de haver recebido qualquer comunicação a esse respeito; a reimpressão desse primeiro volume de novelas (datando de 1870) exigiria naturalmente uma revisão, não para alterar-lhe a forma ou o fundo, mas enfim para impedir a reprodução de alguns erros de estilo. Já falamos sobre a ausência da nota “Nova Edição” neste volume, que sem ela vai-se supor ser antigo, e o Sr. prometeu-me escrever ao Sr. Garnier (ASSIS, 2011, p. 417, tradução da equipe de Paulo Sérgio Rouanet).³

A carta ao amigo Magalhães de Azeredo provavelmente é anterior a essa, pois há uma carta do próprio Hippolyte para Machado, de 8 de outubro de 1899, em que se lê: “Aproveito essa ocasião para anunciar que *Contos Fluminenses* está esgotado e que vou proceder à sua reimpressão. Estarei atento para que as menções da *Academia Brasileira* e *Nova edição* não estejam ausentes, como ocorreu por ocasião da tiragem precedente.” (ASSIS, 2011, p. 419, TRADUÇÃO DA EQUIPE DE PAULO SÉRGIO ROUANET)⁴.

A rapidez com que se esgota a primeira tiragem merece atenção, até porque, nessa época, o autor já tinha vários outros títulos publicados, mas, mesmo assim, sua primeira coletânea, por mais que tivesse sido acusada de açucarada e de pouco valor, tinha proporcionado grande interesse aos leitores. Exatamente por isso, o editor atende ao que o escritor lhe reclama.

Em nova carta datada de 30 de outubro do mesmo ano, Machado se dirige para Hippolyte com a seguinte observação:

Quanto ao dos *Contos Fluminenses*, encaminho-lhe um exemplar, segundo seu desejo, com pequenas correções para a próxima edição. Não corrijo nem o estilo nem a composição, porque cada livro deve

³ “Pour ce qui est des «Contos Fluminenses» je vous ai déjà dit qu’il y aura eu quelque méprise, puisque je ne me rapelle pas d’avoir reçu aucune communication, à ce propos; la réimpression de ce premier volume de nouvelles (datant de 1870) exigerait naturellement un révision, non pas pour en alterer le fond ni la forme, mais enfin pour empêcher la reproduction de quelques fautes de style. Nous avons déjà parlé du manque de la note «Nova Edição» dans ce volume, qu’on va supposer d’être ancien, et vous m’avez promis d’écrire à Monsier Garnier.”

⁴ “Je saisis cette occasion pour vous annoncer que *Contos Fluminenses* est épuisé et que je vais faire procéder à sa réimpression. Je veillerai à ce que les mentions *da Academia Brasileira* et *Nova edição* ne soient pas omises comme lors du tirage précédent.”

guardar a marca do seu tempo, e o de *Contos Fluminenses* é meu primeiro livro nesse gênero (ASSIS, 2011, p. 421, tradução da equipe de Paulo Sérgio Rouanet)⁵

Parece ainda que há uma preocupação grande do autor pela materialidade da edição, pois após o tipógrafo fazer as correções apontadas pelo autor, o editor lhe manda nova carta, datada de 12 de fevereiro de 1900, onde se lê: “Quanto aos *Contos Fluminenses*, recebi a prova do título, e concordo com o Sr. sobre a modificação (ASSIS, 2011, p. 427, TRADUÇÃO DA EQUIPE DE PAULO SÉRGIO ROUANET)”⁶ Se na primeira edição não há registros da preocupação do autor com a materialidade da edição, as publicações posteriores da antologia revelam um Machado mais cuidadoso, muito atento com o legado de sua obra e com a impressão do público sobre o volume que receberia.

Quase quatro anos depois da publicação de *Contos Fluminenses*, precisamente em novembro de 1873, nova coletânea do autor, intitulada *Histórias da Meia-Noite* é editada por Baptiste Louis Garnier. Para essa antologia, o autor selecionou também do *Jornal das Famílias* os seis contos: “A parasita azul”, de 1870; “As bodas de Luís Duarte”, de 1873; “Ernesto de Tal”, de 1873; “Aurora sem dia”, de 1870; “O relógio de ouro”, de 1873, e “Ponto de vista”, esta última história havia sido publicada no periódico com o título “Quem desdenha”, em 1873.

No prefácio da antologia, a que Machado chama de “Advertência”, assinado em 10 de novembro de 1873, a palavra “desambiciosas” oferece pistas de não corresponder bem ao que o autor pretende:

Vão aqui reunidas algumas narrativas, escritas ao correr da pena, sem outra pretensão que não seja a de ocupar alguma sobra do precioso tempo do leitor. Não digo com isto que o gênero seja menos digno da

⁵ “Quant à celui des *Contos Fluminenses*, je vous fait (*sic*) remettre un exemplaire selon votre désir, avec de petites corrections pour la prochaine édition. Je n’ai pas corrigé le style ni la composition, car chaque livre doit garder la marque de son temps, et celui de *Contos Fluminenses* est mon premier dans ce genre.”

⁶ “Pour ce qui est des *Contos Fluminenses*, j’ai reçu l’épreuve du titre, et je suis d’accord avec vous sur la modification.”

atenção dele, nem que deixe de exigir predicados de observação e de estilo. O que digo é que estas páginas, reunidas por um editor benévolo, são as mais **desambiciosas** do mundo. Aproveito a ocasião que se me oferece para agradecer à crítica e ao público a generosidade com que receberam o meu primeiro romance, há tempos dado à luz. Trabalhos de gênero diverso me impediram até agora de concluir outro, que aparecerá a seu tempo (ASSIS, 1873, p. 2, grifo nosso).

Esse desinteresse na seleção dos contos tem sido motivo de investigação por Lúcia Granja (2000), que vê nas publicações da casa Garnier uma intenção de construir, a partir das publicações, um projeto estético de literatura nacional a partir das obras de Machado de Assis. O francês e o escritor estariam “delimitando juntos a divulgação de uma política editorial para a Literatura Brasileira” (GRANJA, 2000). Apesar de sair apenas em 1873, a antologia foi vendida em 30 de setembro de 1869 a Garnier por meio do contrato assinado, onde se lê:

1° Joaquim Maria Machado de Assis vende a B. L. Garnier a propriedade plena e inteira não só da primeira edição como de todas as seguintes das suas três obras “Ressurreição”, “O Manuscrito do Licenciado Gaspar” e “Histórias da meia noite” pela quantia de quatrocentos mil réis (RS400\$000) por cada edição que fizer destas tais obras.

2° Se de uma ou de outra edição destas obras esgotar-se antes das outras o editor terá o direito de a mandar reimprimir, pagando ao autor a terceira parte da quantia acima mencionada, no artigo 1°.

3° O pagamento da primeira edição destas três obras será feito no acto de assignar o presente contrato e das outras no dia em que cada uma for exposta à venda.

4° O autor entregará ao editor o manuscrito de “Ressurreição” até meado de Novembro do corrente ano e o “Manuscrito do Licenciado Gaspar” até meado de março de 1870 e o das “Histórias da Meia Noite” até o fim do anno de 1870 (CONTRATO, ABL, 30.09.1869).

Ao contrário do contrato de *Contos Fluminenses*, que orçava o valor pago ao autor por cada exemplar impresso, este prevê o valor fechado de quatrocentos mil réis pela edição das três obras, o que, obviamente, favorece ao editor, pois só com a primeira antologia Machado recebeu duzentos mil réis. Sabiamente o francês, sabendo que outras edições seriam impressas, faz o contrato já prevendo lucrar com elas. Além disso, o contrato amarra a entrega também de *Ressurreição* até o final do ano de 1869, data que provavelmente teve

adiamento, pois o romance só foi publicado em 1872, inclusive citado na “Advertência” de *Histórias da Meia-Noite*.

Outro dado significativo no contrato é a referência à *Manuscrito do Licenciado Gaspar*, que Machado não cumpriu. José Luiz Passos (2014) afirma que o autor pode ter apostado em uma publicação e percebido não ter condições reais de execução, o que deve ter causado a interrupção, da mesma forma que ocorreu com o tão falado *Livro dos Vinte Anos*, do qual o professor Wilton Marques, citado por Passos (2014), encontrou menção em alguns periódicos e que também não teve continuidade. Essa segunda antologia de contos machadianos foi paga em setembro de 1869, previsto para ser entregue até o final de 1870, mas só foi publicado em novembro de 1873. Como Machado, em maio (apenas meses antes), já havia recebido pela venda de *Contos Fluminenses e Phalenas*, e em 12 de novembro casa com Carolina, Lúcia Miguel Pereira considera:

Os prazos de entrega, a inclusão de um livro que nunca foi publicado, a proximidade de dois contratos, tudo leva a crer que, necessitando de dinheiro, Machado corria ao editor a vender obras em preparo, ou talvez apenas em plano. Há disso outro indício característico. Ao passo que no primeiro contrato é fixado o número de exemplares, mil para cada obra, e a percentagem do autor, duzentos réis por volume - o que não era tão mau para a época e representava um aumento sobre as *Crisálidas*, vendidas a cento e cinquenta réis o volume - no segundo não vem nada especificado. Valendo-se da premência do autor, o seu bom amigo Hyppolite Garnier pagara-lhe talvez, adiantadamente, um preço que não poderia decentemente figurar num contrato. Em véspera de se casar, Machado precisava urgentemente de dinheiro para a instalação da casa modesta onde abrigaria a sua Carolina, a sua felicidade (PEREIRA, 1955, p. 90).

É evidente que o contrato é vantajoso para o editor, mas é preciso considerar a sua fama de usurário, que lhe rendeu o apelido “O Bom Ladrão Garnier”, para entender que, somente pela amizade com Machado, ele poderia ter adiantado um dinheiro por um produto que só lhe seria entregue quatro anos depois. Além disso, é bem provável que a demora de Machado em publicar *Histórias da Meia-Noite* deva-se aos seus outros projetos, como a produção de *Ressurreição* e

“Instinto de Nacionalidade”, a contínua colaboração no *Jornal das Famílias* e os seus compromissos pessoais, frutos da vida de casado e da nova residência em que se estabelecera.

As coletâneas da década de 1880: *Papéis Avulsos* e *Histórias sem data*

Em 1882, foi lançada a coletânea *Papéis Avulsos*, reunindo desta vez um expressivo número de doze contos. Se nas primeiras coletâneas as narrativas brotaram de um único periódico, nessa o autor, já colaborando em vários suportes, utilizou material de cinco jornais: d’*A Estação*: “O Alienista” (1881), e “D. Benedita” (1882); d’*A Época*: “A Chinela Turca” (1875); d’*O Cruzeiro*: “Na arca” (1878); da *Gazeta de Notícias*: “A Teoria do Medalhão” (1881), “O segredo do Bonzo” (1882), “O anel de Polícrates” (1882), “O empréstimo” (1882), “A Sereníssima República” (1882), “O Espelho” (1882) e “Verba Testamentária” (1882); e do *Jornal das Famílias*: “Uma visita de Alcebiades” (1876) e ainda o acréscimo de sete notas.

Em carta a Nabuco, assinada a 14 de abril de 1883, Machado dá pistas sobre a seleção da coletânea ao enviar o livro para o amigo apreciar:

Papéis Avulsos, em que há, nas notas, alguma coisa concernente a um episódio do nosso passado: a *Época*. Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos, porque tudo o que ali está (exceto justamente a *Chinela Turca*) foi escrito como fim especial de fazer parte de um livro. Você me dirá o que ele vale (ASSIS, 2009, p. 296).

Sobre essa organização, Crestani (2014) reflete:

Se tudo foi “escrito” para compor a coletânea, a ideia do livro vinha sendo pensada desde o momento da escritura das narrativas, ou seja, antes mesmo da publicação nos periódicos. Portanto, essa informação inverte o modo de se conceber o percurso do texto entre o jornal e o livro. Habitualmente, o processo tende a ser entendido a partir da suposição de que o autor seleciona as produções que obtiveram maior repercussão quando da sua publicação inicial. No entanto, se tudo foi pensado previamente para compor o livro, Machado de Assis não

selecionou as narrativas já escritas, mas os periódicos que ofereciam condições de atender mais adequadamente às particularidades de cada texto (2014, p. 165).

No prefácio, essa unidade é o que inicia a “Advertência” do autor:

Este título de Papéis Avulsos parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor coligiu vários escritos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são eles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família, que a obrigação do pai fez sentar à mesma mesa. Quanto ao gênero deles, não sei que diga que não seja inútil. O livro está nas mãos do leitor. Direi somente, que se há aqui páginas que parecem meros contos e outras que o não são, defendo-me das segundas com dizer que os leitores das outras podem achar nelas algum interesse, e das primeiras defendo-me com São João e Diderot. O evangelista, descrevendo a famosa besta apocalíptica, acrescentava (XVII, 9): “E aqui há sentido, que tem sabedoria”. Menos a sabedoria, cubro-me com aquela palavra. Quanto a Diderot, ninguém ignora que ele, não só escrevia contos, e alguns deliciosos, mas até aconselhava a um amigo que os escrevesse também. E eis a razão do enciclopedista: é que quando se faz um conto, o espírito fica alegre, o tempo escoá-se, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso. Deste modo, venha donde vier o reproche, espero que daí mesmo virá a absolvição (ASSIS, 1882, p. 01).

No primeiro texto introdutório feito para uma antologia, há quase uma desculpa com textos para ocupar o “precioso tempo do leitor”, contando com um leitor “benévolo”, e páginas “desambiciosas” e o autor usa a primeira pessoa para pedir a “generosidade” do leitor. Já nesse há um autor muito mais experiente e consciente de sua pena, perceptível principalmente pela neutralidade na opção pela terceira pessoa. Ao admitir que todos os textos fazem parte de uma só família, apesar de retirados de diferentes fontes, a metáfora usada como o pai que obriga os filhos a sentarem, se refletida com as alterações feitas por Machado, ganha uma conotação especial, em que o verbo “obrigar” pode ser muito bem compreendido como torcer, forçar ou mesmo alterar. Além disso, o autor não está apresentando histórias ingênuas ou despretensiosas, como antes, mesmo naquelas que podem parecer “meros contos”, há “sabedoria”. E para falar da importância desses escritos, Machado recorre ao evangelista São João e ao enciclopedista Diderot, respectivamente um ícone da religião e o editor-

chefe dos escritos iluministas, duas referências para assegurar a seriedade da coletânea, que não é mais apenas um passatempo.

Desde a primeira advertência, Machado tinha consciência da importância do leitor para a aceitação da sua obra, tanto que conta com a sua generosidade. Também vale lembrar outra importante figura citada em *Histórias da Meia Noite*: o editor. Na abertura de *Papéis Avulsos*, o autor elege o leitor como a figura mais importante para a aceitação da obra, pois é nas mãos dele que o livro está e é ele quem vai julgá-lo interessante ou não. Também a crítica aparece como elemento importante, pois pode vir o “reproche”, mas também é dela que pode surgir a remissão. E, ao usar o vocábulo em destaque, Machado o usa como a primeira das suas notas para afirmar que recebeu duas cartas anônimas há cerca de dois anos, de “pessoa inteligente e simpática”, em que notou o uso do vocábulo “rebroche” e, como não sabia como responder, resolve utilizar as notas para alertar sobre a origem da palavra e o uso já antiquado.

Daniela Magalhães da Silveira (2010), ao estudar os contos que compõem a coletânea, a fim de perceber como todos eles, de certa forma, conduzem às questões científicas da época, analisa essa introdução do autor e considera:

Papéis avulsos podem ser entendidos como escritos que foram apartados de sua coleção original. (...) Enquanto pertenceram à imprensa, não passaram de papéis avulsos, sem correlação um com o outro, apenas com o próprio periódico. No entanto, depois de retornar ao suposto lugar de origem, ou seja, ao livro, deixaram de ser avulsos, porque pertenciam à mesma família e ao mesmo projeto de escrita. Mas ainda fica uma pergunta: por que Machado teria escolhido um título que remetia aos contos antes da formação da coletânea? Talvez para desviar a atenção dos leitores da certeza de que estavam diante de obra com temática fechada. Um dos principais objetivos de Machado, por meio daquele livro, girava em torno de relativizar algumas das principais certezas de seus leitores surgidas enquanto preparava a obra. Esta hipótese não resolve por completo o problema da titulação da coletânea. Mesmo porque Machado parecia não querer que os títulos de seus livros de contos tivessem sentidos claros e unívocos. Acompanhado da inclusão daquela “Advertência” e também das “Notas”, o objetivo do autor parece ter sido o de explicar (alguma vez complicando ainda mais) o gênero conto e as influências absorvidas de outras obras (SILVEIRA, 2010, p. 66).

Por mais que grande parte dos contos já tivesse sido recentemente publicada, a antologia faz sucesso porque, em carta datada de 6 de dezembro de 1884, Gomes de Amorim envia uma carta de Lisboa agradecendo o recebimento do livro: “Em tempo recebi o seu excelente livro *Papéis Avulsos*, que teve o poder de me fazer passar menos amargamente algumas horas de minha triste vida” (ASSIS, 2009, p. 328).

Em 1884, dois anos depois de ter sido publicado *Papéis Avulsos*, foi lançado *Histórias sem Data*, reunindo dessa vez dezoito contos em um volumoso exemplar com mais de 200 páginas. Ao contrário das antologias anteriores, nessa o autor preferiu recolher contos publicados recentemente nas páginas dos jornais. D’*A Estação* retirou apenas “Cantiga de Esponsais” (1883) e “Capítulo dos Chapéus” (1883). A grande maioria esteve na *Gazeta de Notícias*: “A Igreja do Diabo” (1883), “O Lapso” (1883), “Último Capítulo” (1883), “Uma Senhora” (1883), “Singular Ocorrência” (1883), “Galeria Póstuma” (1883), “Conto Alexandrino” (1883), “Primas de Sapucaia” (1883), “Anedota Pecuniária” (1883), “Fulano” (1884), “Ex Cathedra” (1884), “Manuscrito de um Sacristão” (1884), “As Academias de Sião” (1884), “Noite de Almirante” (1884), “A Senhora do Galvão” (1884). E do jornal *Gazeta Literária* recolheu unicamente “A segunda vida” (1884).

Apesar de parecer uma quantidade grande de contos a figurar na antologia, a pena do autor nesses dois anos foi muito frutífera, pois ao todo escreveu quarenta e um contos. Tudo isso dividido com seu trabalho no Ministério da Agricultura, as aulas de alemão, a colaboração como cronista nos jornais e a mudança para a casa da Rua Cosme Velho. Acresce ainda a dificuldade em ler, pois a vista já lhe estava a falhar nessa época, assunto recorrente em suas cartas aos amigos mais próximos.

Ao apresentar a antologia, Machado esclarece o título:

De todos os contos que aqui se acham há dois que efetivamente não levam data expressa; os outros a têm, de maneira que este título *Histórias sem Data* parecerá a alguns ininteligível, ou vago. Supondo, porém, que o meu fim é definir estas páginas como tratando, em substância, de coisas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia, penso que o título está explicado. E é o pior que lhe pode acontecer, pois o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação (ASSIS, 1884, p. 03)

Com a expressão “contos que não levam data expressa”, é bem provável que Machado estivesse se referindo aos contos ambientados fora do espaço e tempo real, isto é, “A Igreja do Diabo” e “As Academias de Sião”. No entanto, ao denominar de “sem data” as narrativas, o autor não só desloca todas do enquadramento temporal dando a elas uma inexatidão que as universaliza e, de certo modo, as eterniza, como também tenta romper o elo desses contos com os periódicos em que saíram, pois, enquanto histórias de jornal, por serem publicações diárias, estão muito mais fadadas ao esquecimento nas páginas desusadas.

Interessado nessa perpetuação da obra, Machado encaminha um volume para a Biblioteca Machado de Assis e, em 11 de setembro de 1884, João Dalle Afflalo, de Itajubá, escreve uma carta agradecendo o exemplar:

Com todo o prazer e honra acuso recebida a carta de Vossa Excelência de 3 do corrente, a qual passo a responder-lhe: Agradeço-lhe em meu nome e no dos meus dignos amigos o valioso livro *Histórias sem data* que Vossa Excelência dignou-se enviar à Biblioteca “Machado de Assis”, obra esta que é mais um troféu para as glórias de Vossa Excelência (ASSIS, 2009, p. 322).

Mas o alcance da obra não se restringe ao Brasil. Gomes de Amorim, em Lisboa, escreve para o autor em 6 de dezembro, também de 1884 e avisa que recebeu *Histórias sem Data* pelo enteado do Miguel de Novais. Se a intenção do autor era a perpetuação da sua obra, uma carta de José Veríssimo, de Nova Friburgo, datada de 12 de fevereiro de 1901, quase sete anos após a publicação da

coletânea, mostra que a finalidade foi cumprida: “Creia que tenho muitas saudades suas e que o recorde a cada instante. Há aqui uma senhora que está lendo um livro de contos seu - Histórias sem Data. A cada passo o encontro sobre uma mesa ou outra. Aliás eu não precisava disso para lembrar-me do autor” (ASSIS, 2012, p. 25). E, em 16 de fevereiro, Machado, felicíssimo, agradece e acrescenta: “Eu quisera poder escrever todas a todos, mas não para ouvir de Você epítetos que não mereço, como esse de Mérimée, mas para, ao menos, agradecer às leitoras dos meus livros, como a de Histórias sem Data, adeus” (ASSIS, 2012, p. 28).

A organização das três últimas antologias

A coletânea *Várias Histórias* foi publicada em 1896, quase doze anos após a última. Além de suas colaborações em periódicos e de *Quincas Borba*, Machado esteve ocupado com a promoção em seu trabalho, indo de Diretor do Comércio, na Secretaria de Estado de Agricultura, Comércio e Obras Públicas até a Diretor-Geral da Viação da Secretaria da Indústria, Viação e Obras Públicas, tudo isso somado às reuniões iniciais sobre a Academia Brasileira de Letras.

A antologia é composta de dezesseis contos, todos oriundos da *Gazeta de Notícias*: “A Cartomante” (1884); “O Diplomático” (1884); “D. Paula” (1884); “Conto de Escola” (1884); “O Enfermeiro” (1884), divulgado como “Coisas Íntimas”; “Uns Braços” (1885); “A Causa Secreta” (1885); “Adão e Eva” (1885); “O Cônego ou Metafísica do Estilo” (1885); “Um Apólogo” (1885), lançado como “A agulha e a linha”; “Entre Santos” (1886); “A Desejada das Gentes” (1886); “Trio em Lá Menor” (1886); “Viver!” (1886); “Um Homem Célebre” (1888) e “Mariana” (1891).

Ao apresentar a antologia, o autor, dessa vez, faz de forma bem mais elaborada, iniciando o prefácio com versos de Diderot:

Mon ami, faisons toujours des contes...
Le temps se passe, et le conte de la vie
S'achève, sans qu'on s'en aperçoive.⁷

As várias histórias que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser acrescentadas, se não conviesse limitar o livro às suas trezentas páginas. É a quinta coleção que dou ao público. As palavras de Diderot que vão por epígrafe no rosto desta coleção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. É um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do filósofo. Não são feitos daquela matéria, nem daquele estilo que dão aos de Mérimée o caráter de obras-primas, e colocam os de Poe entre os primeiros escritos da América. O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos (ASSIS, 1896, p. 02).

A justificativa inicial quanto à limitação do livro em trezentas páginas, respaldada pela epígrafe com versos de Diderot, revela certa empolgação do autor na recolha das histórias, o que resultou em um volumoso exemplar, da mesma maneira que em suas duas últimas coletâneas. Diderot já havia sido utilizado na abertura de *Papéis Avulsos*, mas agora é convocado para esclarecer o porquê da quantidade de contos: o autor os escreve para passar o tempo. O enciclopedista é sempre utilizado por Machado como um conselho: em *Papeis Avulsos* para mostrar o quanto a produção fazia bem ao espírito e, em *Várias Histórias*, como um incentivo para continuar escrevendo. Nos dois usos, no entanto, há a mesma preocupação do filósofo com o tempo que se escoia; por isso a necessidade de aproveitá-lo. Depois Machado usa de sua modéstia ao aludir a dois grandes contistas - Merimée e Poe - ao se mostrar inferior a eles; daí a razão para seus contos não se perpetuarem. Julgamento errôneo visto que o autor tornou-se uma referência na escrita do gênero, que ele mesmo afirmava possuir grande qualidade.

A antologia foi difundida pelas prensas da editora Laemmert em 1896 e, em 1903, uma nova edição com Hippolyte Garnier, que, logo no ano seguinte, 1904,

⁷ Meu amigo, façamos sempre contos... O tempo passa e o conto da vida acaba, sem que o percebamos (tradução de Ubiratan Machado, 2003).

lançou nova publicação. No entanto, é provável que a coletânea já tivesse em construção há anos, pois, em carta datada de 27 de dezembro de 1889, Miguel de Novais pergunta ao cunhado por dois livros, considerando a data, provavelmente *Várias Histórias* e *Quincas Borba*: “Há tempos falou-me o amigo Machado de dois livros que tinha na forja e depois de muitos meses decorridos, nada mais me diz sobre o assunto” (ASSIS, 2009, p. 403).

A data da primeira publicação é cercada de um enigma, pois, apesar de constar o ano de 1896 na folha de rosto, o livro, um ano antes, já estava sendo distribuído. Em 7 de novembro de 1895, Magalhães de Azeredo, estando em Montevideú, escreve para Machado agradecendo a coletânea:

Já me delicieei com a leitura das *Várias Histórias*. Assim que me chegou o volume, mandado pelo Mário de Alencar, agarrei-me a ele e não quis saber de mais nada. Quando cheguei ao fim, senti que tivesse acabado tão depressa; queria mais, mais! Vou relê-lo, e estou certo de que o meu prazer ainda será maior. Conhece a frase de Chateaubriand: Escritor original não é tanto o que não imita aos outros, como o que não pode ser imitado. – Essa ideia pode ser-lhe aplicada; uma das suas grandes glórias é ser único na literatura brasileira; porque o seu estilo corresponde a certo temperamento, a certos estados de alma, a certas qualidades de espírito, a certos *modos de ver*, que são somente seus, e de que ninguém se poderia apropriar artificialmente (ASSIS, 2011, p. 124).

Raramente Machado compartilhava seus projetos literários com algum amigo e, quando assim fazia, dividia com Mário de Alencar, demonstrando nas cartas um grande afeto para com o filho de Alencar e também para com o cunhado. No caso dessa antologia, o autor comenta seus planos com Magalhães de Azeredo. Em 2 de abril de 1895, Machado escreve para o amigo:

Creio que já lhe disse estar com um livro no prelo, simples coleção de contos, já dados na imprensa diária; é uma escolha deles, ainda me ficam outros. Nas horas que me sobram do trabalho administrativo, que é muito, como sabe, vou trabalhando em algumas páginas que aparecerão este ano, se puder ser (ASSIS, 2011, p. 74).

E, em 3 de setembro do mesmo ano, continua a falar disso com o mesmo interlocutor: “O livro que tenho no prelo não sei quando sairá, posto falte

somente imprimir as últimas folhas e esteja todo composto. Dou, porém, um mês, ou dois, para irem alguns dias de quebra.” (ASSIS, 2011, p. 112). As ocupações como funcionário público parecem ser a razão do autor ter demorado tanto tempo para lançar a coletânea, prevista quase sete anos antes. Além da data incerta da saída dos exemplares, outro enigma aparece em carta de Miguel de Novais, escrita em Lumiar, em 20 de abril de 1896:

Recebi a sua carta acompanhada de um exemplar do seu último livro *Várias Histórias*.

Se eu soubesse que o meu amigo procurava de tal modo remediar a falta que notei no 1.º exemplar com que me obsequiou, de certo nada lhe teria dito, mas já que assim quis é justo que eu lhe repita os meus agradecimentos (ASSIS, 2011, p. 156).

Segundo as cartas com Azeredo, que escreve em novembro agradecendo o volume, e Galante de Sousa (1955), a antologia foi publicada em outubro de 1896. Em carta de abril de 1896, Miguel de Novais afirma já ter recebido o volume, assim como Azeredo. No entanto, na carta que o cunhado remete ao autor, ele cita a existência do primeiro exemplar, provavelmente saído em 1895, e refere-se a uma falta apontada pelo português⁸, que possivelmente teria sido corrigida para as prensas do ano seguinte. O erro apontado é desconhecido, pois, além de só restarem as cartas de Miguel para Machado e não o inverso, nem todas as cartas do cunhado português foram guardadas.

347

A edição de 1903, já pela casa Garnier de Paris, ocorre por contrato assinado em 27 de maio de 1902, em que Machado vende os direitos da obra a Hippolyte com as seguintes cláusulas:

1º O Sr. Machado de Assis como autor vende ao Sr. H. Garnier como editor que aceita a propriedade inteira e perpétua de sua obra intitulada *Várias Histórias*, mediante as condições seguintes:

2º O Sr. H. Garnier retribuirá ao Sr. Machado de Assis pela propriedade da referida obra com a quantia de R\$ 1.000.000, um conto de réis, a

⁸ Esse é o único caso conhecido de uma leitura anterior à publicação feita pelo cunhado, pois, em todos os casos, sempre quem lê é o amigo Mário de Alencar, que tem uma relação muito próxima com o autor, estreitando-se ainda mais nos últimos meses de vida de Machado, com um intenso cuidado, mesmo Mário acometido de sérios problemas de saúde.

qual será paga no acto da assignatura do presente contracto que servirá de recibo da dita quantia.

3° O Sr. Machado de Assis obriga-se a não publicar nem mandar fazer publicar outra obra sobre o mesmo título ou idêntico assumpto que o da obra objecto do presente contracto.

4° O Sr. Machado de Assis renuncia a todo e qualquer direito que como autor lhe concedem as leis brasileiras.

5° O Sr. Machado de Assis obriga-se a fazer nas edições successivas da obra acima mencionada todas as modificações que forem julgadas necessárias, como também a rever as provas de cada edição sem ter por isso direito à remuneração alguma (CONTRATO, ABL, 27.05.1902).

Em 1899, Machado já tinha vendido a propriedade de suas obras a François Hippolyte; por isso o interesse do autor em que todos os seus livros ficassem nas mãos do francês. Pode ter sido esse o motivo de Machado ter aceitado reduzir em duzentos réis o valor que havia proposto, pois sabia da grandiosidade da casa Garnier e queria certificar-se da imortalidade de sua obra, o que também justifica a inclusão da 5° cláusula, que Machado fez valer. Mesmo com esse decréscimo, o valor pago ao autor, se comparado com o recebido por outros autores ou pelo próprio Machado, está longe de ser baixo, ainda mais ao se considerar que esses escritos tinham todos sido lançados recentemente nas páginas dos jornais.

Em 8 de setembro de 1902, Machado escreve para Lansac sobre a prova da edição da Garnier:

Passando-lhe as mãos as provas tipográficas do meu livro “Várias Histórias”, devo confessar-lhe que sua composição não me parece conveniente. A edição Laemmert é de 310 páginas. A edição de V. S. não contará mais de 230, ou seja, a obra terá o aspecto e o valor de um pequeno livro, o que prejudicará a venda. Compare uma página da primeira com outra da segunda. A linha desta é mais longa, e cada página contém 38 linhas; as páginas daquela são formadas com 34 linhas, e V.S. poderá verificar a diferença de tamanho. Além disso, veja a primeira página de cada canto; na edição Laemmert, ela contém apenas 13 linhas, ao passo que na edição Garnier vai até 20. Veja as seis primeiras folhas de provas; as 108 páginas que lhe envio ocupam 132 na edição Laemmert; para fins de comparação, anexo as duas primeiras páginas da edição Laemmert. Peça-lhe, Senhor Lansac, que transmita essas considerações ao Senhor Garnier, que lhes reconhecerá a justiça e compreenderá a conveniência de ordenar algo que evite a tempo o que julgo prejudicial a nossa transação. Em três ou quatro dias, enviar-lhe-ei as outras folhas de provas. Receba meus

sentimentos de estima e consideração (ASSIS, 2012, p. 147, tradução da equipe de Sérgio Paulo Rouanet).⁹

O detalhamento de Machado quando compara quantidade de linhas, envia as páginas da edição Laemmert juntamente com as da edição Garnier já corrigidas, além de revelar a cuidadosa preocupação com o autor em oferecer uma edição generosa para o leitor, denota ainda um aborrecimento: mesmo antes de concluir a correção, ele já envia para Lansac e pede a intervenção de Hippolyte. Na leitura das cartas a Lansac esse é o tom sempre. O gerente da Garnier tentando fazer uma edição mais econômica e Machado recusando, muitas vezes recorrendo ao editor francês. Talvez por saber dessa insistência, o autor tenha feito questão de incluir no contrato a revisão das edições por sua responsabilidade, mesmo não sendo pago para isso. No entanto, isso não significa que havia uma animosidade entre o autor e Lansac: no segundo testamento, Machado cita o gerente do Garnier como seu testamenteiro.

Em 10 de setembro de 1903, o autor escreve novamente:

Enviei-lhe outro dia um exemplar de minhas *Várias Histórias*, com correções para a próxima edição. O Senhor terá observado que elas são muito numerosas, às vezes 5 ou 6 por página, e há mesmo uma linha repetida na mesma página, isto é, uma dessas linhas ocupa o lugar onde se deveria inserir outra, que eu escrevi à margem. Todos esses erros, caro Senhor Lansac, prejudicam naturalmente a obra, sobretudo levando-se em conta que ela é adotada nas escolas. Fala-se sobre isso em toda parte, e a *Notícia* de ontem fez uma crítica a respeito. O senhor certamente enviou exemplar a Paris. Rogo-lhe transmitir essas considerações ao Senhor Garnier, que reconhecerá sua justeza e fará corrigir nosso livro. É preciso lembrar ao Senhor

⁹ “Em vous faisant remettre les premières feuilles d’impression de mon livre “*Várias Histórias*”, je dois vous avouer que la composition ne me semble pas convenable. L’édition Laemmert est de trois cent dix pages (310). Votre édition ne comptera plus de deux cents trente (230), c’est-à-dire que l’ouvrage aura l’aspect et la valeur d’un petit livre, ce qui fera du mal à la vente. Comparez une page de la première avec une autre de la votre: la ligne de celle-ci est plus longue, et chaque page compte 38 lignes; les pages de celle-là sont formées avec 34 lignes, et vous pourrez voir la différence de longueur. Outre cela, voyez la première page de chaque nouvelle; dans l’édition Garnier elle va jusqu’à 20. Voyez déjà les six premières feuilles d’épreuves; la matière de 109 pages que je vous envoie occupe dans l’édition Laemmert 132 pages. Pour la vérification et la comparaison, vous trouverez ci-joints le deux premières pages de l’édition Laemmert. Je vous prie, Monsieur Lansac, de transmettre ces considérations à Monsieur Garnier, qui en reconnaitra la justesse, et comprendra la convenance d’ordonner quelque chose pour éviter à temps ce que je crois préjudiciable à notre affaire. Dans trois ou quatre jours, je vous enverrai les autres feuilles d’impression. Agréez mès sentiments d’estime et considération.”

Garnier que embora minhas outras obras também tenham erros tipográficos, nenhuma contém tanto como *Várias Histórias* (ASSIS, 2012, p. 198, tradução da equipe de Sérgio Paulo Rouanet).¹⁰

O tom é o mesmo, mas a preocupação de Machado se assevera porque sua obra foi adotada nas escolas e por ter recebido uma crítica no jornal; por isso o autor dizer que “fala-se sobre isso em toda parte”, provavelmente nas livrarias em que ele frequentava.

É um meticuloso trabalho de uma leitura cuidadosa na edição para verificar linha por linha todos os ajustes que precisam ser feitos, recomendadas possivelmente porque as correções, apontadas na carta de setembro de 1902, não foram todas realizadas a contento.

Em agosto de 1899, três anos depois, sai a coletânea *Páginas Recolhidas*, primeira antologia do autor que incorpora textos de outros gêneros. Com apenas oito contos, a obra reúne cinco retirados da *Gazeta de Notícias*: “Papéis Velhos” (1883); “O Dicionário” (1885); “Eterno” (1887); “O Caso da Vara” (1891); “Ideias de Canário”, publicado antes com o título “Que é o mundo” (1895); “Um Erradio” (1894), extraído d’*A Estação*; “Missa do Galo” (1895), colhido n’*A Semana*, e “Lágrimas de Xerxes”, escrito especialmente para a antologia. Além dos contos, a obra contém ainda três crônicas: “Henriqueta Renan”, “O Velho Senado” e “Entre 1892 e 1894”; o discurso da inauguração da estátua de José de Alencar e a peça “Tu, só tu, puro amor...”.

¹⁰ “Je vous ai envoyé l’autre jour un exemplaire de mes *Varias Historias* avec des corrections pour la prochaine édition. Vous aurez vu, je crois, qu’elles sont très nombreuses quelquefois cinq ou six dans une page, et même il y a une ligne répétée dans la même page, c’est-à-dire qu’une de ces lignes occupe la place où l’on devait mettre une autre qui n’a pas été imprimée; j’ai écrit celle-ci à la marge. Toutes ces fautes, mon Cher Monsieur Lansac, font naturellement du mal à l’ouvrage, surtout étant, comme il est, adopté pour les écoles. On m’en parle partout, et la nouvelle d’hier soir en fait la critique. Vous aurez envoyé certainment l’exemplaire à Paris. Je vous prie de transmettre ces considérations à Monsieur Garnier, qui en reconnaîtra la justesse et fera corriger notre livre. Il faut lui rappeler que, quoique mes autres ouvrages aient aussi des fautes typographiques, aucun n’est pas aussi plein que *Varias Histórias*.”

Um ano antes de lançar a antologia, Machado, em carta a Magalhães de Azeredo, de 10 de maio de 1898, já comenta sobre a vontade de organizar uma nova coletânea:

Eu, pela minha parte, além de alguma coisa que tenho em mãos e não sei se acabarei, nem quando, quero ver se coligo certo número de escritos que andam esparsos. Não sei se valerá a pena fazer o mesmo aos versos; dado que sim, poderá sair um tomo pequeno. E será tudo, naturalmente; neste ponto da minha jornada, não se podem fazer muitos nem longos projetos. Vai-se parando onde o cansaço pedir que se pare, e andando até onde consentir que se caminhe (ASSIS, 2011, p. 308).

O tom fastidioso é certamente uma modéstia machadiana. Nesse ano, a Academia já estava fundada, compromisso que vai tomar conta do tempo de Machado: grande parte dos assuntos de suas cartas tange sobre os membros, os assuntos e as candidaturas; daí porque as correspondências aumentam.

No ano seguinte, publica-se ainda *Dom Casmurro*, o que contradiz a rabugice da carta de um autor que viveria ainda mais dez anos, com muita tinta a sair de sua pena. No entanto, nem tudo na carta é cansaço, pois o autor afirma que sairá “tudo naturalmente”, o que justifica não haver alteração das histórias publicadas nos folhetins para o livro. Em 28 de julho do mesmo ano, Machado encaminha nova carta a Azeredo informando que as *Páginas Recolhidas* estão prestes a sair, impressas em Paris, pelas prensas do francês François Hippolyte Garnier.

Uma carta a Machado de 8 de outubro do mesmo ano revela que a edição da casa Garnier manteve os problemas tipográficos e que provavelmente o autor escreveu diretamente ao editor, que lhe escreveu para informar:

Tenho a honra de acusar recebimento de sua carta de 5 de setembro, e apresso-me a agradecer o favor que o Sr. me presta ao assinalar-me alguns defeitos de execução material em seu último livro *Páginas Recolhidas*. Chamei a atenção a esse respeito do empregado encarregado da fabricação, que foi instantaneamente solicitado a tomar

em consideração suas justas observações. (ASSIS, 2011, p.419, tradução de Sérgio Paulo Rouanet).¹¹

Na resposta, Machado agradece ao francês e já propõe uma edição completa de suas poesias, destoando do cansaço da carta anterior. Em carta a Azeredo, escrita em 7 de novembro de 1899, Machado dá pistas sobre o que contém na coletânea e sobre a recepção dela:

Remeto-lhe um exemplar das *Páginas Recolhidas*. Ao contrário do que supunha, este livro teve grande saída, mas o editor mandou só a primeira remessa, de maneira que muita gente espera por outros exemplares, que ainda não vieram. Meti aí várias coisas. Algumas delas foram novas para muitos; exemplo, a comédia do centenário de Camões; *Tu, só, tu puro amor...*
Sabe que além da impressão na antiga *Revista*, teve uma só impressão de 100 exemplares numerados, que se esgotou depressa (ASSIS, 2011, p. 433).

Essa justificativa quanto à inclusão da comédia entre os textos está também na introdução da antologia, que, aliás, ao contrário das demais, o autor denominou de “prefácio”, em que ele esclarece sobre a reunião de textos de formas discursivas diferentes:

- Quelque diversité d’herbes qu’il y ait, tout s’enveloppe sous le nom de salade Montaigne, *Essais*, liv. I, chap. XLVI.
Montaigne explica pelo seu modo dele a variedade deste livro. Não há que repetir a mesma ideia, nem qualquer outro lhe daria a graça da expressão que vai por epígrafe. O que importa unicamente é dizer a origem destas páginas.
Umás são contos e novelas, figuras que vi ou imaginei, ou simples ideias que me deu na cabeça reduzir à linguagem. Saíram primeiro nas folhas volantes do jornalismo, em data diversa, e foram escolhidas dentre muitas, por achar que ainda agora possam interessar. Também vai aqui *Tu, só tu, puro amor...* comédia escrita para as festas centenárias de Camões, e representada por essa ocasião. Tiraram-se dela cem exemplares numerados que se distribuíram por algumas estantes e bibliotecas. Uma análise da correspondência de Renan com sua irmã Henriqueta, e um debuxo do nosso antigo Senado, foram dados na *Revista Brasileira*, tão brilhantemente dirigida pelo meu ilustre e prezado amigo José Veríssimo. Sai também um pequeno

¹¹ “J’ai l’honneur de vous accuser la réception de votre lettre du 5 Septembre et je m’empresse de vous remercier du service que vous me rendez en me signalant quelques petites déficiences d’exécution matérielle de votre dernier livre *Páginas Recolhidas*. J’en ai fait la remarque à l’employé chargé de la fabrication qui a été prié instamment de tenir compte de vos très justes observations.”

discurso, lido quando se lançou a primeira pedra da estátua de Alencar. Enfim, alguns retalhos de cinco anos de crônica na *Gazeta de Notícias* que me pareceram não destoar do livro, seja porque o objeto não passasse inteiramente, seja porque o aspecto que lhe achei ainda agora me fale ao espírito. Tudo é pretexto para recolher folhas amigas (ASSIS, 1899, p. 03).

Ao tratar das formas breves, trata-as como contos e novelas, termos muito similares na época, inclusive utilizados para intitular a seção do *Jornal das Famílias* destinada a essas histórias curtas. Usar a metáfora de Montagne para abrir o prefácio é, de qualquer modo, uma espécie de justificativa para a recolha de textos diversificados. Mas vale lembrar que, nas muitas vezes em que Machado utilizou autores universais em suas introduções, sempre o fez de modo humilde, quase subestimando seu próprio texto. Nesse prefácio, no entanto, isso não acontece. O ensaísta francês, nesse caso, é utilizado como um autor semelhante, de quem Machado não se melindra em se apropriar da ideia. Machado, muito provavelmente, tinha grande interesse em ver seus livros circularem por vários países e, talvez por isso, encaminhava suas obras para seus amigos mais próximos. Azeredo agradece em carta de 5 de dezembro de 1899, escrita em Roma, o recebimento da coletânea:

Agradeço-lhe muito e muito o exemplar que me oferece das *Páginas Recolhidas*; já lera o livro, e do encanto com que o lera tinha feito declaração ao nosso amigo Mário de Alencar; conhecia boa parte do volume pelas folhas e revistas em que aparecera antes; que essas publicações tinham o direito e até o dever de perpetuar-se em livro, bem o prova o renascimento de prazer com que se releem agora (ASSIS, 2011, p. 434).

Azeredo, que trocava longas cartas com Machado, é sempre um leitor voraz dos textos machadianos e, mesmo estando em constantes viagens, sempre recebe as obras e agradece. A circulação das coletâneas muitas vezes ocorria pelas mãos de amigos, que constantemente estavam viajando.

A coletânea *Relíquias da Casa Velha* foi publicada em 1906, também pelas mãos da casa Garnier contendo nove contos, dos quais quatro foram retirados de periódicos: “Evolução”, lançado na *Gazeta de Notícias* (1884); “Maria Cora”,

publicado originalmente com o título “O Relógio Parado”, n’*A Estação* (1898); “Pílades e Orestes” (1903) e “Anedotas do Cabriole (1905), ambos editados no *Almanaque Brasileiro Garnier*. Machado juntou os inéditos: “Pai contra Mãe”, “Marcha Fúnebre”, “Um Capitão de Voluntários”, “Suje-se Gordo” e “Umas Férias”. Além dos contos, ele acrescentou as “Páginas Críticas e Comemorativas”, composto de um discurso lido na inauguração do busto de Gonçalves Dias, uma crítica a um livro de José Veríssimo, comentários sobre dois artistas falecidos, Eduardo Prado e Antonio José. Como a experiência em acrescentar uma peça em sua última coletânea foi bem recebida, Machado acrescenta duas: “Não consulte médico” e “Lições de Botânica”. Nisso, percebe-se um sentimento do autor em resgatar esse gênero apagado pelo brilhantismo de suas crônicas, contos e romances, que saíam em livros e jornais. Quando Machado encerra sua produção em poesia, junta-as em uma coletânea e parece estar satisfeito com o fruto produzido nessa forma de composição, mas com o teatro não. É como se suas peças precisassem ainda ser mais bem observadas.

Nessa última “Advertência”, ele esclarece exatamente, mais uma vez, o título e, em seguida, escreve o seu mais famoso poema, “A Carolina”, dedicado a sua mulher, falecida dois anos antes:

Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expor para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fora.

Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquia aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título. Possivelmente não terão a mesma suposta fortuna daquela dúzia de outras, nem todas valerão a pena de sair cá fora. Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti a absolvição da má escolha (ASSIS, 1906, p. 05).

O tom melancólico e fastidioso do texto, adequado com a tristeza da perda da esposa, é fruto, obviamente, do abalo do autor. Carolina, que viveu quase 35 anos com Machado, era toda a sua família. Nesse último diálogo, Machado

encerra com a atenção ao leitor, destacando a importância da recepção de sua obra, o que, aliás, já tinha sido dito quatorze anos atrás na introdução de *Papéis Avulsos*.

A coletânea foi vendida ao francês um ano antes, em contrato assinado em março de 1905:

- 1° O Sr. Joaquim Maria Machado de Assis como autor vende ao Sr. H. Garnier como editor que aceita a propriedade mútua e perpétua da sua obra intitulada “Relíquias da Casa Velha” mediante as condições seguintes:
- 2° O Sr. H. Garnier atribuirá ao Sr. Joaquim Maria Machado de Assis pela propriedade da referida obra uma quantia de \$1:500,000 um conto e quinhentos mil réis, a qual será paga no acto da assignatura do presente contracto que servirá de recibo da dita quantia.
- 3° O Sr. Joaquim Maria Machado de Assis obriga-se a não publicar nem mandar fazer publicar outra obra sobre o mesmo ou idêntico assumpto ou título que o da obra objecto do presente contracto.
- 4° O Sr. Joaquim Maria Machado de Assis renuncia a todo e qualquer direito que como autor lhe concedem as leis brasileiras.
- 5° O Sr. Joaquim Maria Machado de Assis obriga-se a rever as provas desta edição, sem ter por isso direito a remuneração alguma.
(CONTRATO, ABL, 11.03.1906)

Duas observações merecem ser levantadas quanto às cláusulas: ao contrário dos contratos anteriores, não há aqui alusão às diferentes edições da obra, apenas a “desta edição”. Estaria, com isso, o francês garantindo uma publicação com o mínimo de erros tipográficos possíveis a ponto de não precisar recorrer mais ao autor? Além disso, há na coletânea cinco contos inéditos; os demais textos já haviam sido publicados, logo o que justifica o alto valor pago ao autor é certamente o seu prestígio.

Curiosamente, ao contrário do que o título sugere, nas histórias dessa coletânea os personagens estão mais presentes nas ruas do Rio de Janeiro, cômicos das transformações pertinentes à virada do século. Afinal, sete das narrativas foram escritas já no século XX, época em que significativas alterações urbanas acontecem na cidade, e Machado, ligado ao departamento de obras públicas, por meio das histórias, revela, com muita sutileza, um panorama da sociedade.

No entanto, é bem provável que esses escritos inéditos não tenham sido feitos para figurar a princípio em uma coletânea. Machado pode tê-los escrito à primeira mão e só depois teve vontade de publicá-los. O trecho da carta abaixo a Magalhães de Azeredo, datada de 2 de outubro de 1905, deixa a impressão de que as inéditas já tinham sido escritas há algum tempo:

Eu (vá em particular) coligi certo número de páginas que devem estar sendo impressas em Paris. Umas andavam dispersas em jornais ou revistas, outras estavam inéditas e deviam sair em alguma parte; resolvi juntá-las todas, e não são muitas ao todo. Assim, até certo ponto, tinha já cumprido o conselho que ora me dá. Não creio que as restantes mereçam ser reimpressas (ASSIS, 2015, p. 58).

Azeredo havia aconselhado Machado, após ler as *Páginas Recolhidas*, que escrevesse as *Páginas Escolhidas* e é a esse conselho que o autor alude. A leitura integral da carta revela muito do desânimo que marca Machado em todas as correspondências após a morte da esposa.

Na carta escrita para Oliveira Lima, em 05 de fevereiro de 1906, o autor despista sobre seus planos do último romance, ao mesmo tempo em que menciona a coletânea recém-lançada: “Eu nada tenho. Reuni alguns retalhos inéditos e impressos que o Garnier faz sair em volume, e é tudo. Tinha um livro em projeto e início, mas não vou adiante. Sinto-me cansado, estou enfermo, e falta-me o gosto” (ASSIS, 2015, p. 88). Após a publicação, entre as inúmeras cartas, quatro trechos merecem ser analisados: José Veríssimo assim se pronuncia em 19 de fevereiro de 1906:

Recebi agradecido o seu novo livro, Relíquias da Casa Velha. Relíquias são também preciosidades e as suas justificam este sinônimo e muita casa velha vale mais que as mais novas e vistosas, e pela solidez de sua fábrica, segurança e harmonia da sua estrutura, graça geral do seu aspecto, sem falar dos seus adereços e alfaias interiores, merecem mais do que aquelas.

Como lhe percorri encantado os salões e recantos, cada um com o seu sainete próprio, a sua fisionomia de tão íntima significação, mas todos fundindo-se num admirável conjunto.

Desde o pórtico, o formoso e sentidíssimo soneto, até a última estância, que bela e delicada Casa Velha.

Li-o ou reli-o já quase todo, e do que li ou reli dou a primazia, se é possível sair do embaraço da escolha, a Pai contra mãe, um modelo raro de sobriedade, ironia discreta e um pessimismo que por amargo não deixa de ser delicioso. Mas quem sabe se, de fato, o que mais me agradou não foi Um livro? É tão ruim esta pobre natureza humana! (ASSIS, 2015, p. 93).

Veríssimo, que mais tarde se tornaria herdeiro das cartas de Machado, lê o livro aludindo acertadamente ao título, e destaca um dos pontos mais comumente discutidos nas obras do autor, o amargo pessimismo. E realça também o célebre soneto à esposa. O amigo Mário de Alencar (carta de 26 de fevereiro de 1906) também enfatiza o poema, certamente devido sua intimidade com o autor: “Gostei de todas as relíquias muito e muito. Mas a página melhor é o soneto A Carolina” (ASSIS, 2015, p. 97).

Outra preocupação recorrente nas cartas é quanto aos membros e candidaturas da Academia Brasileira de Letras. O estabelecimento dessa Instituição certamente assegurou ainda mais notoriedade ao autor, além de projeção em outros países e muito mais contatos com autores e editoras de outras partes do Brasil; daí surgiram muitos convites para publicar ou traduzir as obras, mas o contrato com o Garnier impediu muitos desses projetos. Se o vínculo com a academia garantiu ainda mais perenidade à obra, legou também ao autor uma maior severidade com as impressões, cuidando melhor das edições e com a qualidade do que era posto no mercado. Machado certamente detestaria exemplares com letras pequenas e com erros tipográficos. Esse poder de barganhar com o editor e as exigências com a materialidade da obra são resultados do prestígio de que Machado dispunha, fruto de um trabalho de literatura construído ao longo de cinquenta anos; daí porque o valor recebido pelas publicações de suas obras é elevado em comparação com o que os seus pares recebem e majoram com o passar dos anos.

Machado vai ganhando, no decorrer dos anos, mais segurança quanto ao sucesso de suas antologias. Se as duas primeiras ele escreveu em caráter de estreia ou como necessidade de dinheiro devido ao casamento, como afirma Lúcia Miguel

Pereira, as duas coletâneas escritas na década de 1880 (*Papéis Avulsos* e *Histórias sem Data*) foram planejadas por muito mais tempo, provavelmente porque o escritor já escrevesse para os periódicos, nessa época, com a intenção de depois reunir as narrativas em volume. Com esse sucesso, Machado tinha segurança da venda das antologias e, por isso, nas últimas pôde lançar textos de gêneros variados que não tiveram, quando foram publicados nos periódicos, a recepção necessária, como suas peças, por exemplo. Os prefácios das antologias demonstram como Machado vai paulatinamente ganhando segurança: nas primeiras coletâneas há um tom de despreensão, pois são páginas “desambiciosas”, como ele mesmo diz. Depois, nas demais, essas introduções alongam-se, ganham justificativas, são apresentadas com citações de Diderot e Montaigne, isto é, Machado certamente percebeu o quanto o gênero, inclusive consolidado por ele no Brasil, era bem recebido pelos leitores oitocentistas.

Referências:

- ASSIS, Machado. *Contos Fluminenses*. Rio de Janeiro: Garnier, 1870.
- ASSIS, Machado. *Histórias da Meia Noite*. Rio de Janeiro: Garnier, 1873.
- ASSIS, Machado. *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.
- ASSIS, Machado. *Histórias sem Data*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.
- ASSIS, Machado. *Várias Histórias*, Rio de Janeiro: Garnier, 1896.
- ASSIS, Machado. *Páginas Recolhidas*, Rio de Janeiro: Garnier, 1899.
- ASSIS, Machado. *Relíquias da Casa Velha*, Rio de Janeiro: Garnier, 1906.
- ASSIS, Machado. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo I - 1860-1869. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

ASSIS, Machado. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo II - 1870-1889. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

ASSIS, Machado. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo III - 1890-1900. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

ASSIS, Machado. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo IV - 1901-1904. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

ASSIS, Machado. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo V - 1905-1908. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2015.

AZEVEDO, Silvia Maria. *A Trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos Contos e Histórias em Livro* (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 1990.

BOSI, Alfredo. et al. *Machado de Assis: Antologia e Estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

CONTRATO celebrado entre Machado de Assis e o editor Baptiste-Louis Garnier para a primeira edição de Contos Fluminenses e Phalenas. *Arquivo da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: 11 de maio de 1869.

CONTRATO celebrado entre Machado de Assis e o editor Baptiste-Louis Garnier para a primeira edição de Histórias da Meia Noite, O Manuscrito do Licenciado Gaspar e Ressurreição. *Arquivo da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: 30 de setembro de 1869.

CONTRATO celebrado entre Machado de Assis e o editor François Hippolyte Garnier para a primeira edição de Várias Histórias. *Arquivo da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: 27 de maio de 1902.

CONTRATO celebrado entre Machado de Assis e o editor François Hippolyte Garnier para a primeira edição de Relíquias da Casa Velha. *Arquivo da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: 11 de março de 1906.

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis e o processo de criação literária*. São Paulo: Edusp, 2014.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, Escritor em Formação (À Roda dos Jornais)*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

GRANJA, Lúcia. Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier. *Revista Letras*, Santa Maria, v. 23, n 47, p. 81-95, jul./dez. 2013.

MASSA, Jean Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870)*. Ensaio de Biografia Intelectual. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

PASSOS, José Luis. *Machado de Assis: Romance entre Pessoas*. São Paulo: Edusp, 2014.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de Contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1955.